

Editorial

A seção “Varia” do v. 36, n. 2, da *Aletria*, traz em seu conjunto nove artigos de diferentes prismas de abordagem do texto literário, três resenhas e uma entrevista, corroborando a diversidade de estudos da literatura que vêm sendo publicados em nosso periódico.

Maria Inês Canedo Arigoni nos apresenta o trabalho “Os *Estudos filosóficos* e o místico Balzac”, a partir do qual tece algumas considerações a respeito da relação entre a construção literária e o misticismo na produção do romancista francês Honoré de Balzac (1799-1850), centrando sua análise nos *Estudos filosóficos*, que compõem a *Comédia humana*.

Em “Prática de escrita e criação de novos gêneros literários: *The Spectator* (1711-1712) e a Rede Mundial de Computadores”, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa e Natanael Duarte de Azevedo propõem uma leitura fundamentada na análise do periódico inglês *The Spectator* (1711-1712), que introduziu práticas de escrita muito semelhantes às utilizadas atualmente no espaço virtual, que perdurou por todo o século XVIII, e cujo ápice se deu no século XIX, tanto na França, como em vários países da Europa e da América, incluindo o Brasil.

No trabalho “Chesterton defende as histórias de detetive”, Marcos Aurélio Zamith Fernandes realiza uma discussão sobre como a ficção de crime, considerada uma forma menor de literatura até o século XX, adquiriu status canônico. Sua análise é centrada em quatro ensaios de Chesterton (1901, 1920, 1925, 1930) sobre a ficção de crime, discutindo aspectos epidícticos dos artigos reunidos em *O defensor* (1901).

Por meio do artigo “Escrever com detritos: *Finnegans Wake* e os aspectos das transformações perceptivas e sociais do século XX”, Rebeca Hippertt analisa fragmentos de *Finnegans Wake*, tendo em vista a tradução brasileira realizada por Augusto e Haroldo de Campos e tomando o texto original como referência para a observação de certos termos cuja estrutura sonora e semântica se revela particularmente significativa. Dessa forma, o trabalho investiga como a subversão formal e temática empreendida por James Joyce representa e tensiona elementos do contexto sociocultural das primeiras décadas do século XX.



Em “Vozes melancólicas em *Norma Jeane Baker of Troy*, de Anne Carson”, Carla Moreira Kinzo analisa o texto dramatúrgico de Anne Carson, peça que revisita a versão de Eurípides para a história de Helena. Estruturado como um monólogo que mescla poesia, drama e ensaio, o texto sobre põe as figuras de Norma Jeane (nome de batismo da atriz Marilyn Monroe) e Helena de Troia.

Anita de Melo, em seu ensaio “Estética da sensibilidade infantil em *Contos de cães e maus lobos*”, faz uma reflexão acerca das relações afetivas e de cuidado que crianças demonstram para com animais não-humanos na coletânea *Contos de cães e maus lobos* (2019), de Valter Hugo Mãe.

Já em “A literatura fantástica e resistência: as representações da ditadura no conto ‘O mar mais longe que vejo’” de Caio Fernando Abreu, escrito por Livia Maria Rosa Soares Oliveira, temos a análise do efeito de estranhamento no conto de Caio Fernando Abreu, articulando-o ao contexto da ditadura militar brasileira.

Danielle Freitas Oliveira, por sua vez, produz o artigo “Sobressaltos e cortes: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar”, no qual examina analisa o contato entre a poesia de Ana Cristina e Marcos Siscar a partir da noção poética de endereçamento. A autora destaca que não é apenas na poesia de Ana Cristina e de Marcos Siscar que essa noção pode ser localizada, pois ambos os poetas discutem esse tema em textos de natureza diversa.

Por fim, em “Configurações labirínticas dos espaços narrativos em Borges, Saramago e Graciliano” Cleomar Pinheiro Sotta realiza a análise da presença do labirinto na construção do espaço em narrativas de três autores de distintas nacionalidades: *A biblioteca de Babel*, do escritor argentino Jorge Luis Borges; *Todos os nomes*, do português José Saramago; e *Vidas secas*, do brasileiro Graciliano Ramos.

Em sequência, apresentamos as três resenhas. A primeira do livro de Marcelo Rubens Paiva, *O novo agora* (2025), escrita por Mayara de Andrade Calqui; a segunda do livro de Pedro Paulo Catharina, *Huysmans entre naturalismos*. São Carlos: Pedro & João Editores (2025), produzida por Zadig Gama; e a terceira da obra “Doce amargo: um relato em quadrinhos do maior desastre ambiental do Brasil”, escrita por Pablo de Oliveira Lopes.

Fechamos este n. 2 da *Aletria* de 2026, com a entrevista realizada por Wellington Marçal de Carvalho, Eni Alves Rodrigues e Lílian Paula Serra e Deus, com a escritora guineense, nascida em 1962, Helena Neves Abrahamsson.

Mais uma vez, gostaríamos de agradecer às autoras e aos autores que enviaram seus artigos para a composição do “Dossiê” e dos textos publicados na seção “Vária”. Agradecemos o trabalho cuidadoso de todos os envolvidos para que nossa revista continue divulgando pesquisas com qualidade diversidade temática, como vêm sendo publicados em cada novo volume disponibilizado para apreciação de nossos leitores e leitoras. Aproveitamos para fazer um agradecimento especial ao trabalho realizado por Carolina Fenati diante do Setor de Periódicos no período em que esteve à frente da sua coordenação.

Boa Leitura!

Os editores

Elen de Medeiros
Marcos Antônio Alexandre